

LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS

Luiz Eduardo Paulino da Silva¹; Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira²; Gustavo Kim Rodrigues Agra³.

¹Universidade Estadual da Paraíba/ Centro de Ciências e Tecnologia, e-mail: eduardops25@hotmail.com

²Universidade Estadual da Paraíba/ Centro de Ciências e Tecnologia, e-mail: tonyathy@hotmail.com.br

³Universidade Estadual da Paraíba/ Centro de Ciências e Tecnologia, e-mail: gustavokim@hotmail.com

RESUMO

O surgimento das tecnologias de comunicação tem se caracterizado de forma expansiva na sociedade contemporânea, com tudo o letramento digital é um termo recente, que permite o uso da leitura e da escrita em situações cotidianas, tanto na interação presencial quanto virtual, ambas pertencem a um plano relacional contínuo. Este trabalho é fruto de indagações provocadas no percurso do curso de Especialização em Novas Tecnologias na Educação da EAD, realizada pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. O objetivo foi averiguar em textos, como: artigos, livros científicos, monografias, periódicos que abordam o Letramento Digital e Ensino de Ciências nas escolas. Além do nível de envolvimento de leituras desenvolvidas por nós enquanto alunos de Pós-graduação, bem como as experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Alguns teóricos corroboram com a ideia de que os educadores podem e devem estimular seus alunos para que aconteça o processo de ensino e aprendizagem por meio do letramento digital, nesse sentido, a utilização das redes sociais, das tecnologias e outros meios tem suas utilidades quando bem utilizada pelos docentes de forma coerente dando ênfase a uma aprendizagem significativa.

Palavras-Chave: Letramento, Ciências, Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

A contextura deste trabalho parte de questionamentos sobre o papel da escola com uma diversidade de educandos/as das diferentes classes sociais, gênero, culturas e raças, entre outros. No entanto aqui o foco principal é o/a educador enquanto o sujeito que interage, dialoga, discute e vivencia situações neste século globalizado e informatizado.

Propusemos a pesquisar tal tema, devido a curiosidade do ensino de ciência, abranger outras áreas do conhecimento, como apresentar reflexões constantes de questionamentos acerca do que aprender a ensinar neste novo século informatizado.

É notório que as tecnologias digitais estão presentes em toda parte da sociedade contemporânea, seja na escola, na casa, na praça, no shopping, no cinema, nas ruas, por onde quer que andemos lá estão presentes as “novas tecnologias” acompanhadas com o consumo exacerbado que diverge com as antigas tecnologias.

Neste contexto subjazem reflexões, indagações perante as propostas de educação. É preciso trabalhar com os discentes o letramento digital e, não apenas, conceitos acabados acreditando que o letramento é papel exclusivamente do docente de Português. Partindo de reflexões sobre esta temática, propusemos estudar o “letramento digital” focado nas aulas de ciências, abordando a geração nativa digital, que vem aprendendo as tecnologias, muitas vezes sem nenhuma compreensão ou acompanhamento de seus superiores: pais, professores, etc.

Para efetivação deste estudo utilizamos uma pesquisa bibliográfica descritiva acerca do letramento digital e seus aparatos, tendo como abordagem qualitativa de caráter exploratório

O título deste trabalho surge das discussões feitas por nós discentes do curso de especialização em Novas Tecnologias na Educação da EAD, visto que necessita de reflexão e ação por parte dos educadores para com seus educandos. Para a realização desta pesquisa bibliográfica vários foram os autores que deram suporte teórico ao estudo e que ajudaram na compreensão deste fenômeno, dentre eles: BARROS (2011), BESKOW (2015), BRUNEL (2004), FREIRE (1993), SOARES (2003), XAVIER (2015) e outros. Tivemos base também em diversas leituras como: jornais, revistas, internet, DVD, artigos, monografias e outras fontes que, mesmo não servindo como referências bibliográficas, nos ajudaram na execução da pesquisa.

2. METODOLOGIA

O estudo em questão, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, uma vez que centramos nossas análises pautados em uma base de leituras em diversos contextos em que foi consultado um material vasto focado nos estudos sobre Letramento Digital e Ensino de Ciências, que deram suporte teórico-metodológico ao trabalho ao qual nos propomos e que por sua vez ajudaram na compreensão das inquietações ora discutidas; dentre os quais: BARROS (2011),

BESKOW (2015), BRUNEL (2004), FREIRE (1993), SOARES (2003), XAVIER (2015). Estes corroboraram com as nossas percepções acerca do letramento, enquanto mestrado do PPGECEM – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Letramento digital: situando e traçando conceitos

Com o surgimento das novas tecnologias apareceu o empasse da discussão, como trabalhar o processo de ensino/aprendizagem dos/as educandos/as, uma vez que as tecnologias são acessíveis a grande parte da sociedade, e a maioria dos/as alunos/as tem habilidade no manuseio dessas ferramentas sem saber de fato suas significações.

Portanto como afirma Xavier (2002, p. 1) o aumento na utilização das novas ferramentas (computador, internet, cartão magnético, caixa eletrônica, etc.) na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamento e raciocínio específico, é daí que podemos começar a entender a importância do letramento digital na sociedade atual, e por isso se faz preciso de uma reflexão a cerca dessa temática, fazendo jus de alguns teóricos.

O que se entende por letramento digital? Poderemos definir esse conceito como a capacidade que os sujeitos têm de responder nitidamente as demandas sociais que envolvem e utilizam os recursos tecnológicos e a escrita no meio digital. O texto de Soares nos permite usar nesse trabalho o termo de letramento digital para se referir à questão das práticas de leitura/escrita possibilitadas pelo computador e Internet.

Soares (2002, p.156), reconhece que diversas tecnologias da escrita criam diferentes letramentos e assegura:

Propõe-se o uso do plural letramentos para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias da escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.

Percebe-se na fala da autora a ênfase do letramento digital, visando esse termo em consideração a necessidade de os indivíduos terem domínio de informações e habilidades mentais,

que é necessário ser trabalhado na escola, cabendo ao professor capacitar ao aluno a viver como cidadão neste novo século cada vez mais cercado de máquinas eletrônicas e digitais. É preciso o professor (re) pensar sua prática para trabalhar o letramento digital com os educandos, levando em conta as questões locais da sociedade que os mesmos atuam.

Nessa perspectiva de letramento digital enfatizando a concepção de “educação ao longo da vida”, compreendemos que os recursos midiáticos inseridos na escola, como objeto de estudo necessário para o resgate e a (re) significação da educação em vista da cidadania e da inclusão social dos alunos e alunas.

Dentro do contexto dos novos meios tecnológicos o letramento digital vem trazendo uma nova discussão sobre a importância de seu papel para sociedade, principalmente na esfera educacional. Sem dúvida a escola é a instituição que mais precisa tratar de questões sobre o letramento digital, principalmente quando direcionadas a educação básica pública. Diante dessa perspectiva Xavier afirma:

O letramento digital requer que o sujeito assuma uma nova maneira de realizar atividades de leitura e escrita que pedem diferentes abordagens pedagógicas que ultrapassam os limites físicos das instituições de ensino em vários aspectos no que diz a respeito: Velocidade do próprio ato de aprender, gerenciar e compartilhar informações e Ampliação do dimensionamento da significação das palavras, imagens e sons, por onde chegam às informações, a serem processada na mente do aprendiz. XAVIER, (2002, p. 04)

Como sabemos a sociedade contemporânea tem passado por profundas mudanças, caracterizando-a como uma sociedade dinâmica. Esta dinamicidade tem se manifestado em muitos setores (comunicação, transportes, entre outros). Da mesma sorte, a Educação não está isenta de passar por mutações. Aliás, é mister que estas se deem, visto ser a Educação um setor importante, e por que não dizer, fundamental da sociedade.

São grandes os desafios à Educação neste século. Haja vista um elevado índice de alunos que possuem um histórico de repetência, de abandono à escola. Desmotivados com a instituição e com eles próprios. Brunel (2004, p. 21), neste termo cabendo aos educadores/as buscar, processos eficazes não apenas para manter os discentes em sala de aula, mais, além disto, re (significar) o lugar destes alunos/as superando rótulos de fracassados, que muitas vezes a própria comunidade escolar os impõe e retomar com eles sua posição de sujeito no processo educativo.

As técnicas de letramento digital não prescindem de práticas docentes e de metodologias corretamente aplicadas. O professor tem a incumbência de conduzir o processo de ensino-

aprendizagem na sala, por meio de atividades, através das quais, este processo se efetue (GUIMARÃES, 2001). O professor deve ser cômico de seu lugar no processo ensino-aprendizagem que é educador-educando (FREIRE, 1993, p. 79). Isto é, enquanto educa, ele também é educado.

Partindo de uma visão globalizada, e, por estarmos em uma era tecnológica, acreditamos que o docente deve fazer uso de meios de comunicação tradicionais como: rádio, jornais, TV, revistas, livros, etc., assim como, também, dos novos meios como: computador, CD, CD-ROM, internet, pendrive, etc. Muitas vezes esquecemo-nos dos pontos que o ensino enfrenta em relação a esses recursos, interferindo na aprendizagem do letramento digital tanto dos/as professores/as quanto dos educandos/as que, segundo Xavier (2015, p.2), implica em realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização.

Nesse entendimento compreendemos que o letramento digital requer mudanças de modo de ler e escrever, pois pressupomos que as necessidades crescentes de inserção dos professores e alunos na era digital, faz parte da realidade dos sujeitos com uma postura crítica sobre a inclusão digital, para que haja um ensino-aprendizagem satisfatório no processo de alfabetização digital.

O letramento digital é considerado como domínio das tecnologias digitais, mais precisamente com as ferramentas de acessibilidade a comunicação que os sujeitos têm de manusear graças aos recursos tecnológicos. Nesse contingente de mundo globalizado, pelo qual aparece grandes interfaces como a escrita e a leitura, as mesmas acabam ganhando dimensões virtuais, estas saltam do lápis e papel para as telas dos dispositivos midiáticos, como celulares, *smartphones*, *tablets* e computadores exigindo dos usuários novas habilidades para ler e escrever nesses meios.

Na Wikipédia (2015, p. 1), aponta dois teóricos importantes sobre o letramento digital, são: Xavier (2002) e Buzato (2003), os mesmos afirmam que o letramento digital pressupõe o domínio das ferramentas digitais, mas de forma a garantir as práticas letradas, atribuindo sentido ao que se lê e escreve na tela, habilidades essas que envolvem a compreensão do emprego de imagens, sons, a não linearidade dos hipertextos, a seleção e avaliação das informações.

Com tudo os autores dizem que é preciso ter domínio das ferramentas digitais, levando em consideração a prática de letramento do ler e escrever utilizando as habilidades e competências que os sujeitos devem estar inserido nesse mundo globalizado. Podemos ainda compreender que para trabalhar o letramento digital na escola, é preciso que a mesma também se preocupe com o educador e educandos, levando aos mesmos recursos e meios para que haja uma aprendizagem significativa e sem interferências por falta de material acessível.

Trabalhar o letramento digital é preciso ter acessibilidade a alguns recursos tecnológicos, e desses expedientes, ainda utilizar outros aparatos que levem os indivíduos a refletirem e criticarem em um contexto intelectual.

3.2 Uma reflexão sobre o ato de ler em ciências.

Será possível algum sujeito analfabeto se tornar uma pessoa letrada? Podemos ir ao encontro de Freire (1988, p. 9) quando diz: A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Nesse contexto compreendemos é que de certa forma os sujeitos já trazem intrinsecamente suas vivências: culturais, econômicas e sociais, isto é, uma bagagem do elo da experiência com sua vivência.

Freire (1988, p. 9) lembra sua infância dizendo:

[...] a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – a sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores

O autor nos diz que toda a bagagem adquirida pela sua experiência na infância, precede o conhecimento de palavras codificadas, o mesmo afirma que todo ambiente que vivenciou, faz parte de um universo de linguagem que devem ser exploradas na escola quando os educandos chegam nela. Ainda nesse contexto percebe-se que crianças e jovens já trazem para a escola sua leitura de mundo, seus costumes, seus gostos, e que é preciso discutir essa relação em sala de aula, uma vez que a práxis de educandos é necessária na sua formação.

As aulas de ciências é um momento igualitário de reflexão, leitura e releitura, no entanto é preciso compreender o sentido de leitura sobre alguns conceitos dados nas aulas e não simplesmente seguir o livro didático, fazer a leitura, passar a atividade em sala de aula e partir do ditado que diz: um finge que ensina e outro finge que aprende. É preciso rever esses laços, pensando em conteúdo que faz sentido para a vivência do/a educando/a, não é feliz tratar de um conteúdo como: divisão celular, se não direcionado com a vivência do educando, qual será o sentido desse conteúdo? Ele precisa aprender de fato vivenciando com a sua realidade, deve-se utilizar os conteúdos aproximando do conhecimento do aluno, para isso é preciso buscar uma leitura que haja discussão e sentido do que está lendo.

Freire (1988) nos diz, muitas vezes os professores e professoras, perseguem os alunos com enchimento de leitura sem nenhuma reflexão concisa. Às vezes querendo que os/as alunos/as leiam durante um semestre, capítulos e mais capítulos de livros, levando a concepção errônea sobre a visão do ato de ler.

O autor, não está dando ideia de que a leitura dos livros não seja importante, o que se deve pensar é na forma como essa leitura é dada e de qual maneira é transmitida e quando é colocada para os/as alunos/as. Fazer o uso da leitura só por fazer é algo desnecessário na apreciação do educando.

Uma das disciplinas instigantes que pode levar o aluno a ler, é a de ciências, levando em consideração que os/as educandos/as vem com suas bagagens de casa, seja sobre o senso comum, ou seja, sobre o conhecimento científico, no entanto, é pertinente ao professor utilizar esses saberes em uma leitura mais dinâmica.

Aprender a ler é um processo que se aperfeiçoa ao longo da vida. Antes de ingressar na escola, o indivíduo já realiza leitura, mesmo que não interaja com o código escrito, pois desde muito novo começa a observar, antecipar, interpretar e interagir, dando significado a seres, objetos e situações que o rodeiam e são estas as mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado que ele utilizará. (SOUZA, 2013, p. 23)

É notório que os educandos quando chegam às aulas de ciências já trazem sua leitura de mundo, seus conhecimentos básicos sobre a ciência, seus conflitos e suas indagações, sobre o ponto de vista de o teor ler. Cabendo ao professor fazer com que o aluno indague juntamente com os docentes a questionarem sobre o contexto da leitura.

Qual seria o papel do educador no processo do ato de ler dentro da sala de aula? Seria instigar, estimular ou motivar o aluno a buscar o gosto pela leitura. Segundo Bergamini (1997, p.14) vem nos dizer que a motivação é intrínseca não sofre pacificamente ação de nenhuma força ou pressão que não seja aquela oriunda do próprio mundo interior de cada um. Percebam que o autor vem nos dizer que a motivação é uma força, uma energia que jamais poderá ser colocada dentro das pessoas, a sua força vem do interior delas.

Para Ribeiro, (2005) embora “ninguém motive ninguém”, já que a motivação é um processo interior do homem, o professor deve criar um ambiente de trabalho, condições para que os alunos se motivem.

É preciso que o docente, principalmente o de ciências, busque meios que levem o educando, a refletir, indagar através da leitura, levando os mesmos a ambientes agradáveis como as salas de

informáticas, aula de laboratório, utilização das ferramentas tecnológicas como: celular, tabletes, aparelhos de DVD, data show, TV, caixa de som, impressora, entre outros, levando os alunos a descobrir que é através desses meios que se dar o processor letrado tecnologicamente ao indivíduo seja ele alfabetizado ou não.

Partindo de um artigo de Nespoli e Baião (2015, p.2) diz que o Brasil se tornou uma sociedade grafocêntrica, isto é, uma sociedade altamente permeada por uma diversidade de práticas sociais de leitura e escrita. Porém, é nítido leituras de jornais, livros, manuais de instruções, receitas, tabelas, quadros, contas de água e luz, telefone, faturas de cartões, formulários, cartas, bilhetes, telegramas, ofícios, requerimento, pauta de reivindicações, mensagens eletrônicas, entre outros, todos esses meios devem ser tratados com afinco nas aulas de ciências.

O ato de ler, não deve ser uma tarefa que tange apenas as disciplinas de inglês e português, deve ser considerado um ato interdisciplinar e utilizado por todas as matérias do currículo escolar. Aqui trazemos a especificidade da disciplina de ciências para o ensino fundamental II, que deve ser instigado nos/as educandos/as a importância do letramento digital da esfera micro, para o macro.

O professor pode levar uma revista eletrônica para sala de aula e ler o texto com o aluno e em seguida fazê-los refletir no contexto que abrange a leitura, isto fará um ser não apenas alfabetizado, mais um sujeito completo letrado e alfabetizado. É notório que jovens e adolescentes chegam ao 9º ano dos anos finais do ensino fundamental, já sabendo ler, escrever, contar, no entanto se quer compreende o que leem e o que escreve.

É notório que o ato de ler deve estar dentro de sala de aula quanto fora dela, e é possível o educador, agrupar esses ambientes: interno e externo, socializar com os educandos, para que os mesmo tenha um conhecimento pluralista de uma sociedade letrada, onde muitos que tem apenas o véis da alfabetização tecnológica, possa ter um conhecimento maior que tudo, isto, sejam adolescente e jovens críticos reflexivos.

3.3 A escola digital

A escola deveria ser um ambiente acolhedor, aconchegante e interdisciplinar no que tange as relações sociais dos/as educandos/as. Partindo dessa ideia, buscamos algumas inquietudes sobre o papel da escola digital no século XXI. Se levarmos em consideração outros tempos que sempre existiram ensejos tecnológicos dentro e fora do ambiente escolar, no entanto nunca se houve uma expansividade tão grande quanto em nossa sociedade contemporânea.

Entretanto focamos nesse texto um elo que se casa muito bem, a escola digital e a prática docente. O que seria na realidade uma escola digital? Seria aquela que está inserida novas tecnologias como: aparelho de DVD, CDs, aparelho de SOM, Data show, laboratório de informática, sala de vídeo, quadro digital, caneta a laser, livros digitais, laboratório de informática, entre outros.

Beskow (2010, p. 1) afirma: que as principais transformações ocorridas na escola ao longo da história estão relacionadas às mudanças tecnológicas e os novos modos de produção. Partindo dessa ideia compreendemos que a autora nos provoca, contudo a discutirmos um questionamento interessante em nosso meio vigente, se ao longo da história foi-se evoluindo as tecnologias, e ficando para trás o processo evolutivo da produção dos educadores. Deparamos com ideias bem sucinta de teorias afirmando que os meios tecnológicos podem suprir o trabalho docente.

No entanto o que refletimos é sobre a formação do educador a manusear as ferramentas tecnológicas, para mediar o processo de ensino-aprendizagem com os discentes. Pois, o que muito se vê por um lado são evoluiu-se as tecnologias, e a formação docente em sua prática não fez evoluir.

A escola muitas vezes deixa de lado o quadro-negro, o giz, o apagador, livro didático como instrumento de aprendizagem, as tradicionais tendências pedagógicas, no entanto as práticas docentes continuam. Na escola digital surgiu o tablete, o laboratório¹ de informática, (na realidade deveria ser sala de informática), o acesso à internet, o uso do celular, entre outros recursos, que devem ser manuseados pelo educador juntamente com os/as educandos/as. Percebe-se que surgiu na escola aparatos fascinantes, nessa dimensão tecnológica. Outrossim, falta a questão principal a formação docente para que os mesmos ponham em prática essas vivências e habilidades.

Abro um parêntese para frisar uma proposta importante que ocorreu a partir de 1997, que foi justamente o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) - uma iniciativa para a prática docente. No site do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação, diz que o PROINFO:

Inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo Ministério da Educação, através da Portaria nº 522 em 09/04/1997, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. O funcionamento do ProInfo se dá de forma descentralizada, existindo em cada unidade da Federação uma Coordenação Estadual, e os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), dotados de infraestrutura de informática e comunicação

¹ Local, com características e equipamentos próprios, onde se pode realizar exames, análises, simulações, testes, ensaios, medições, etc. que contribuem para investigações científicas de qualquer ramo da Ciência

que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de hardware e software. No entanto só a partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, o ProInfo passou a ser Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica. (FNDE, 2015, p. 1)

Percebe-se que só a partir de dezembro de 2007, mediante o decreto 6.300 o PROINFO passa a ser programa Nacional de tecnologia educacional, tendo como objetivo, promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação – TICs, nas redes públicas de educação básica.

Quando o PROINFO surgiu em tamanha proporcionalidade para a formação docente das instituições públicas, vem acompanhado com uma grande problemática do macro para o micro. O MEC – Ministério da Educação expande salas com computadores para escola, denominando Laboratório de informática, abastecido com o sistema educacional LINUX, não conhecido pela grande maioria dos educadores, a maioria dos computadores sem acesso à internet, as salas com trinta docentes e menos de vinte máquinas, necessitando que fique mais de um professor por microcomputador, o formador chamado de tutor, muitas vezes não vem com uma formação sólida, para atender a demanda que estão distante dos nativos digitais, e precisamente terá de enfrentar um público diverso em faixa etária. Tudo isso é uma problemática jogada de cima para baixo que dar uma bola de neve e surgiu àquela ideia, “eu finjo que ensino e você finge que aprende”, tudo isto levando os educadores no final do curso a terem um certificado de que tiveram manuseio em sala de informática, e que estão preparados para começar seus trabalhos digitais com os educandos/as. Nesse ensejo perguntamos, indagamos e questionamos: que formação é essa, sobre a escola digital, que o professor entra leigo e sai cheio de dúvidas?

Nessa brincadeira de faz de conta, o professor volta à sala de aula sem formação alguma, e, nesta perspectiva de escola digital, quem monta o data show geralmente é o próprio aluno ou alguém da secretária, faltou formação para o professor ter esses domínios tecnológicos.

Quando falamos sobre o uso dos celulares na escola, o que vem em questão é apenas o impedimento da entrada desse equipamento, uma vez que os docentes não tiveram nenhuma formação do trabalhar o celular em seu ambiente de aprendizagem. Refletimos sobre a escola digital a partir dessas inquietações, e comungamos de autores que contribuem sobre tal dilema como diz Barros et al (2011, p. 1);

Mas do que tudo isso em conta, os professores são convidados à formação contínua, capaz de prepara-los, para enfrentar os desafios na nova ambiência, de conhecimento, crenças, artes, valores, leis, costumes, hábitos e aptidões desenvolvidos pelas sociedades na era digital em rede global. Uma formação capaz de os motivar a estarem sintonizados com o movimento, das tecnologias digitais de informação e comunicação, e suas implicações cognitivas e comunicacionais na educação presencial e online, na formação da cidadania, da cibercidadania.

O autor deixa obvio que mais do que os instrumentos inseridos dentro da escola, para o manuseio do professor, é preciso de formação continuada, onde leve o professor a refletir sua prática e praticar o exercício para expandir em suas aulas, todavia, é necessário que o professor esteja também aberto para essa nova evolução tecnológica, onde, o mesmo possa se colocar no lugar do aluno para que tenha mais aparatos de uma aula mais atual, seja ela com qual for a ferramenta, deixando a clareza que independente dos recursos tecnológicos a motivação docente é intrínseca e precisa desse aparatos.

Porém, é preciso que a escola esteja aberta a essa fundamentação de letramento e dialogue com os/as educandos/as levando em consideração ampla de um ser completo em plenitude, com valores, coerências, anseios, desejos e vivencias sociais e individuais.

Salientamos que nas sociedades em que prevalece a modalidade escrita da língua, as instituições escolares vêm desenvolvendo um papel fundamental no processo de alfabetização e letramento dos alunos. Aliás, essas parecem ser as duas prioridades da escola: alfabetizar e letrar pessoas.

4. CONCLUSÕES

Durante o percurso deste trabalho compreendemos que as transformações ocorridas no sistema educacional e na coletividade a qual estamos fazemos parte, falta muito para que aconteça uma sociedade letrada por parte daqueles que são os mediadores dentro de sala de aula.

Nesse contexto, compreendemos que o letramento digital no ensino Fundamental dos anos finais surgiu numa perspectiva de melhorias para os docentes e discentes, seja no que diz respeito a formação, valores éticos e morais, o convívio em comunidade, o conhecimento de mundo e a importância de um ser social. O Letramento digital deve ser trabalhado com um olhar de estímulo pelos/as educadores/as e de forma geral pela escola. Para que os educadores passem esses

conhecimentos é necessário a escola abra possibilidades de inovação numa perspectiva interdisciplinar sobre esse campo de conhecimento que vem crescendo em nossa sociedade.

A discussão deste assunto deve ser vista como um fenômeno complexo, uma vez que muitos professores, desconhecem a importância do tema abordado, acreditando que o Letramento Digital deve ser apresentado apenas de forma que a escola abarque todos os recursos, não levando os estudantes a despertarem a curiosidade em outros âmbitos sociais, como utilizando as lan houses como educação não formal para a inserção do letramento no cotidiano dos/as educandos/as. Nesta perspectiva, é desejável o aprofundamento da discussão sobre Letramento Digital, com intuito de se discutir, também a responsabilidade da escola, capacitando os professores para terem as relações de letramento, onde abrangesse, oficinas com educadores/as e educandos/as, dando ênfase a um estudo de caso mais aprofundado. Somos indivíduos com limitações, dificuldades, problemas, entre outros. No entanto quando partimos do pressuposto que o Letramento Digital é importante na vida dos sujeitos e da sua assensão social.

Espera-se que este estudo contribua como orientação, reflexão e subsídio no que se refere a uma escola atuante com educadores/as que estimulem os/as educandos/as a continuarem seus estudos com um olhar letrado para a sociedade em que vivemos e nessa dimensão precisam alcançar outros voos, sendo sujeitos mais críticos, atuantes e porque não dizer instruídos.

5. REFERÊNCIAS

BARROS, Daniela Melaré Vieira, et al. **Educação e tecnologias**: Reflexão, inovação e prática. Lisboa, 25 de fevereiro de 2011.

BERGAMINI, Cecilia Whitaker. *Motivação nas organizações*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BESKOW, Cristina Alvares. **Inclusão digital na escola pública**: relacionando comunicação, tecnologia e educação. Disponível em: <http://escoladeredes.net/profiles/blogs/inclusao-digital-na-escola>. Emitido no site dia 8 outubro 2010. Acessado. 20 de agosto de 2015.

BRASIL, FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo>. Acessado em 18 de abril de 2015.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos** / Carmen Brunel. _ Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 39ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. **A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NESPOLI, Ziléa Baptista. BAIÃO, Jonê Carla. **As práticas sociais da leitura e da escrita numa sociedade grafocêntrica**. Estudos da Linguagem - PUC/RJ, 2015.

RIBEIRO, Vera. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: **Letramento na Cibercultura**. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n81, p. 143 -160, dez, 2002

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento**. Diário do grande ABC. Diário em parceria com a Secretaria de Educação e Formação Profissional de Santo André. Sexta-feira, 29 de agosto de 2003.

SOUZA. Ângelo Ricardo de. **O professor da educação básica no Brasil**: identidade e trabalho. Educ. rev. no.48 Curitiba Apr./June 2013

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Letramento digital. Origem: disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Letramento_digital. Acessado em: 21/04/2015

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Letramento digital e ensino**, (UFPE), 2015.